



Diagnóstico da Profissão de Treinador de Futebol

SITREFESP – Sindicato dos Treinadores Profissionais do Estado de São Paulo

Em 7 de julho de 1975, no Rio de Janeiro, junto à então CBD (atual CBF), um grupo de grandes treinadores – Flávio Costa, Oto Glória, Oswaldo Brandão, Telê Santana e outros – fundaram uma associação de classe que daria origem ao movimento sindical dos técnicos de futebol. Treze anos depois, em 1º de fevereiro de 1988, nascia o SITREFESP, o primeiro sindicato de treinadores de futebol do Brasil, referência nacional na defesa dos direitos da categoria.

1. Insegurança Trabalhista e Contratual

O Brasil é o país com maior número de trocas de treinadores por temporada. A duração média de um técnico na Série A é inferior a quatro meses. Predominam contratos frágeis e vínculos precários, com uso de modelos de prestação de serviço que desrespeitam a CLT e a Lei Pelé.

2. Ausência de Representação Institucional Forte

Apesar da existência de sindicatos e da FBTF, a categoria carece de articulação nacional unificada. Os treinadores têm pouca participação nas decisões de federações e da CBF, o que limita sua influência nas políticas do futebol brasileiro.

3. Desvalorização Cultural e Midiática

A pressão imediatista por resultados gera uma cultura de culpabilização do treinador. A mídia frequentemente personaliza o fracasso, ignorando os contextos estruturais e reforçando a instabilidade emocional e profissional do técnico.

4. Formação Profissional Desigual

O sistema de licenças da CBF Academy é um avanço, mas com alto custo e difícil acesso. Há falta de reconhecimento de formações acadêmicas alternativas e pouco incentivo à educação continuada ou intercâmbio internacional.

5. Falta de Planejamento e Estrutura nos Clubes

Grande parte dos clubes não possui projeto técnico de longo prazo. A contratação de treinadores ocorre de forma emergencial, sem integração com uma diretriz esportiva consolidada.

6. Limitações Econômicas e Desigualdades Regionais

A concentração de recursos nos grandes centros (SP, RJ, MG, RS) restringe oportunidades. No interior, a sazonalidade das competições resulta em meses sem renda para técnicos e comissões.

7. Falta de Políticas Públicas Específicas

Não há política nacional de formação, certificação e inserção profissional de treinadores em diferentes níveis do futebol.

8. Pressão Psicológica e Ausência de Suporte

A instabilidade profissional gera altos níveis de estresse, ansiedade e desgaste emocional. Poucos clubes oferecem acompanhamento psicológico ou condições estruturais adequadas para o desenvolvimento técnico.

Síntese das Fragilidades em Quatro Dimensões

Dimensão	Principais Fragilidades
Institucional	Falta de representatividade, ausência de políticas públicas e baixa voz nas federações
Trabalhista	Contratos precários, alta rotatividade e desrespeito à legislação
Formativa	Formação desigual, custo alto e pouco incentivo à atualização
Cultural/Emocional	Desvalorização social, pressão midiática e desgaste psicológico

O SITREFESP reafirma seu compromisso histórico com a valorização do treinador de futebol brasileiro. A profissão exige reconhecimento, segurança jurídica e respeito técnico. É fundamental a união dos sindicatos e a criação de uma frente nacional de treinadores para garantir dignidade e sustentabilidade à carreira.

Marcos Bocatto
Presidente do SITREFESP